

# TITULARES DA POLÍTICA: ASPECTOS DA ABERTURA DEMOCRÁTICA BRASILEIRA NA REVISTA PLACAR (1974-1982)<sup>1</sup>

Patrícia Volk Schatz<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é identificar aspectos da abertura política brasileira na revista Placar. É extensa a literatura que aponta para os usos políticos sobre o esporte para legar popularidade ao regime civil-militar. Com o anúncio da abertura política mudanças são operadas no âmbito institucional do esporte nacional com o projeto de criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), de perfil civil e desvinculado dos militares. A presente pesquisa apresenta publicações da revista Placar sobre o posicionamento de alguns jogadores de futebol em relação aos assuntos em voga no Brasil no período da abertura democrática, charges e outras matérias que relacionam o futebol à política. Metodologicamente se recorrerá a revisão bibliográfica e a coleta de dados na revista esportiva Placar.

**Palavras-chave:** Futebol. Abertura Política. Revista Placar.

## Politics titulars: aspects of the Brazilian democratic opening in the Placar magazine, 1974-1982

**Abstract:** The article's aim is to identify aspects of the Brazilian political openness through the analysis of the magazine Placar. There is extensive literature that points to the political uses of sport to bring popularity to the civil-military regime. With the announcement of the political opening changes are operated in the institutional scope of the national sport with the project of creation of the Brazilian Confederation of Soccer (CBF) of civil profile and detached from the military. The present research presents publications of the magazine Placar on the positioning of some soccer players in relation to the subjects in vogue in Brazil during the period of democratic opening, cartoons and other matters that relate soccer to politics. Methodologically, there will be a literature review and data collection in the sports magazine *Placar*.

**Keywords:** Football. Politics Opening. Placar Magazine.

## Titulares de la política: aspectos de la apertura democrática brasileña en la revista Placar (1974-1982)

**Resumen:** El objetivo de este artículo es identificar aspectos de la apertura política brasileña en la revista Placar. Es extensa la literatura que apunta a los usos políticos sobre el deporte para legar popularidad al régimen civil-militar. Con el anuncio de la apertura política cambios son operados en el ámbito institucional del deporte nacional con el proyecto de creación de la Confederación Brasileña de Fútbol (CBF), de perfil civil y desvinculado de los militares. La presente investigación presenta publicaciones de la revista

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir de reflexões contidas na dissertação de mestrado da autora. Ver mais em: SCHATZ, Patrícia Volk. A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da revista Placar (1974-1982). Dissertação de mestrado- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História: Florianópolis, 2015.

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Email: [paty\\_schatz@yahoo.com.br](mailto:paty_schatz@yahoo.com.br).

Placar sobre el posicionamiento de algunos jugadores de fútbol en relación a los asuntos en boga en Brasil en el período de la apertura democrática, caricaturas y otras materias que relacionan el fútbol a la política. Metodológicamente se recurrirá a la revisión bibliográfica y la recolección de datos en la revista deportiva Placar.

**Palabras claves:** Fútbol. Apertura Política. Revista Placar.

## Introdução

A introdução e dispersão do futebol no Brasil, entre os séculos XIX e XX, refletiu a hegemonia inglesa na economia mundial. Por outro lado, os fluxos de imigrantes vindos da Europa, os egressos das universidades estrangeiras, os trabalhadores, os professores e os religiosos também contribuíram para a difusão do esporte no país. Assim, pode-se afirmar que a trajetória do futebol no Brasil acompanhou os processos de impulsão da indústria e de urbanização através da formação de uma classe trabalhadora nos novos centros urbanos brasileiros. Portanto, é necessário analisar a introdução do futebol no Brasil a partir das múltiplas realidades do território nacional.

Posteriormente, é possível apontar para mudanças significativas no futebol brasileiro por conta da criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em 1914 e da regulamentação da profissão de jogador de futebol na década de 1930. Essas medidas visaram atenuar dois problemas significativos: a carência de uma entidade nacional para substituição das Ligas regionais e o amadorismo no esporte. As Ligas regionais majoritariamente mantinham valores elitistas que não condiziam com a tendência de popularização do futebol entre as diferentes camadas sociais e com um acesso mais amplo dos torcedores aos estádios. Por outro lado, a regulamentação da profissão de jogador previa permitir a ascensão social e financeira dos atletas. Segundo Leoncini (2001) a profissionalização que tornava o jogador em um empregado do clube objetivava também barrar o êxodo de jogadores para o exterior.

Nesse sentido, a projeção internacional do futebol brasileiro aponta para fases distintas e importantes nesse processo. Os títulos mundiais conquistados pela Seleção Brasileira de 1958 e 1962 contribuíram para a projeção do futebol brasileiro em âmbito mundial. É, em parte, a visibilidade do bicampeonato brasileiro que tornou uma possível vitória no México, no ano de 1970, importante para a propaganda política do regime civil-militar, ainda que a censura, a perseguição política, as torturas e os assassinatos de opositores fossem conhecidos dos brasileiros. Durante o Governo de Emílio Garrastazu Médici três momentos marcaram a história do futebol nacional, sendo que estes passaram por tentativas de apropriação política. A conquista inédita do tricampeonato em 1970, a criação do Campeonato Brasileiro de Clubes em 1971 e a disputa da Taça Independência em 1972

foram episódios que, para alguns autores, exemplificam o uso do futebol como artifício de manipulação da população.

A tese do futebol como o “ópio do povo” foi influenciada pela Escola de Frankfurt e pelo marxismo. Para Lovisolo (2011) os esportes eram interpretados pelas relações sociais de produção e de poder com duas noções relacionadas: o controle dos trabalhadores e a alienação. O futebol poderia servir para disciplinar os hábitos dos trabalhadores e beneficiar a indústria capitalista.

Para esta literatura que se apoiou na ideia do futebol como aparato de manipulação alguns trabalhos se destacam. “Futebol: ideologia do poder”, publicado por Roberto Ramos, em 1984, coloca o futebol como um aparelho ideológico do estado que auxiliaria na manutenção do regime impedindo a formação de uma consciência crítica. A obra de Ramos é pautada no trabalho de Louis Althusser intitulado “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado” que foi popular no Brasil nos anos de 1970, e tratava de entender o poder dos regimes totalitários e a falta de consciência de classe entre o operariado. Baseado em Althusser e pensando no caso brasileiro poderia se afirmar que os meios de comunicação exerceriam o papel de aparelhos ideológicos.

Outro trabalho que complementa a visão do futebol como um instrumento de manipulação social é “Brasil: tetra campeão mundial?” de Amaury Fassy, publicado em 1982. Nesta obra Fassy afirma que o esporte é utilizado pelos agentes políticos para ludibriar a população, sendo que teria servido ao Governo Médici para sustentar a política militar.

Nesse mesmo sentido, Levine (1982) entende que o futebol legitimou a política do regime civil-militar. No entanto, o autor também compreende o papel do esporte como um integrador social, pois para “cada argumento do futebol como circo, outros podem ser contrapostos, credenciando o esporte como fator de maior autenticidade local e de redução de hostilidades entre classes.” (LEVINE, 1982, p. 41)

No periódico “Encontros com a Civilização Brasileira” de 1978 os artigos de Joel Rufino dos Santos e de Jacob Klintowitz abordam a relação do futebol com a política do regime civil-militar. O trabalho de Santos (1978) nomeado de “Na CBD até o papagaio bate continência” apresenta a militarização da Seleção Brasileira, a decadência do futebol nacional e a carência de trabalhos acadêmicos dedicados ao esporte bretão no Brasil. Já Klintowitz (1978) em “A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de futebol- 1978” apresenta pontos críticos como a submissão da Seleção Nacional aos militares. Os trabalhos de Santos (1978) e Klintowitz (1978) se diferenciam pelo otimismo do primeiro quanto à uma possível melhora da situação do futebol brasileiro, e, a visão do segundo autor que é desacreditada em relação a superação da decadência do esporte bretão no país.

Lovisoló (2002) caracteriza esses trabalhos anteriormente citados como dotados de uma visão “apocalíptica” sobre o futebol brasileiro. Para o autor as obras de Roberto DaMatta são pioneiras na superação dessa conotação pessimista ao explorarem a perspectiva da “paixão ou amor pelo esporte”. (LOVISOLO, 2002)

O livro organizado por DaMatta em 1982 chamado de “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”<sup>3</sup> propõe entender este esporte como um drama da sociedade brasileira. O futebol é entendido como ritual e como drama através dos quais o povo se manifesta socialmente. DaMatta compreende que o país, algo abstrato, se torna visível e concreto por meio da Seleção Nacional. O artigo de DaMatta intitulado “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, presente na obra de 1982, propõe compreender a sociedade através do futebol. DaMatta crítica o tratamento dado ao esporte brasileiro como o “ópio do povo” e pede por uma sociologia do esporte, pois “o futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alterando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DAMATTA, 1982, p. 40)

Lopes (2014), por sua vez, faz uma crítica à visão do futebol como o “ópio do povo” e principalmente ao trabalho de Ramos (1982). O autor parte do argumento de que não se pode considerar o torcedor como um espectador passivo que “simplesmente absorve o que se passa diante dele, e não alguém engajado ativo e, às vezes, criticamente no universo do futebol” (LOPES, 2014, p. 139). Lopes (2014) ainda apresenta um debate interessante sobre a tese do futebol como o “ópio do povo”, pois argumenta que esta visão discrimina e hierarquiza socialmente ao contrapor os defensores da ideia do esporte como aparato de manipulação aos amantes do futebol. A distinção imposta estaria em elevar os detentores da tese do “ópio do povo” ao mundo das ideias, enquanto que os admiradores do futebol estariam a mercê da ignorância

[...] as críticas designadas ao futebol pelos defensores da tese do “ópio do povo” servem, primeiro, para desvalorizar o próprio futebol, colocando-o abaixo de outras práticas sociais, vistas como mais legítimas. Também serve para classificar tais defensores, colocando-os intelectualmente acima dos amantes do futebol. Assim, em última instância, servem para legitimar relações de dominação-principalmente de classe. (LOPES, 2014, p. 143)

Outro autor que debate a tese do futebol como o “ópio do povo” é Daolio (2003) que entende as análises sobre o esporte no período do regime civil-militar como insuficientes para classificar o futebol como uma prática

---

<sup>3</sup> O livro conta com artigos de DaMatta, Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel.

manipulativa. Assim, Daolio (2003) considera o futebol como uma manifestação social e lúdica não responsável por ludibriar a capacidade reflexiva e crítica dos cidadãos.

Ainda sobre o posicionamento de alguns intelectuais à respeito da tese do futebol como o “ópio do povo” ressaltam-se Franco Júnior (2007) e Galeano (2010). De acordo com Franco Júnior (2007) existem excessos nas críticas tecidas ao futebol, sendo que os

Os reticentes em relação ao futebol denunciam sua futilidade e mesmo nocividade por pretensamente anestesiarem o espírito crítico, afastar os indivíduos da reflexão e da contestação, dificultar as transformações políticas e sociais. É verdade que o futebol não é a realidade em si, mas fuga do real, representação imaginária. Ele, contudo, não se diferencia nisso do cinema, do teatro, da literatura e das artes em geral [...] Por minimizar o fato de o futebol ser representação é que alguns o acusam de ser hoje excessivamente mercenário, ao atuar onde melhor lhe convém, os profissionais do futebol fazem a mesma coisa que outros especialistas da representação – atores, cantores, escritores, jornalistas, poetas, pintores e escultores. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 394)

Ainda sobre a produção que nomeia o futebol como o “ópio do povo” Galeano (2010) destaca que alguns intelectuais de esquerda desqualificam o esporte bretão por considerar que este desvia a atenção das massas das questões políticas e revolucionárias, de modo que “a plebe pensa com os pés, como corresponde, e nesse gozo subalterno se realiza. O instinto animal se impõe à razão humana, a ignorância esmaga a Cultura, e assim a ralé tem o que quer.” (GALEANO, 2010, p. 41)

Desse modo, observa-se que o debate em torno do papel do futebol na sociedade brasileira despontou a partir da década de 1970. Compreende-se que essas visões pretendiam discutir a conjuntura brasileira no período do regime civil-militar no que se refere ao papel do esporte e da propaganda política. Mas, é importante destacar que seria artificial culpabilizar o futebol pelo apoio e/ou apatia de parcela dos brasileiros em relação ao período ditatorial. Em que pese a importância dessa literatura que trabalha a visão do futebol como o “ópio do povo” tornasse fundamental discutir o tratamento legado à aspectos gerais da abertura democrática brasileira por uma mídia impressa esportiva nacional.

Assim, o objetivo geral desse artigo é identificar aspectos do processo de transição política para a democracia na revista *Placar* entre os anos de 1974 e 1982. Metodologicamente se recorrerá à revisão bibliográfica e a coleta de dados na revista *Placar*. Este impresso esportivo é considerado relevante no recorte temporal analisado, pois oferece um material importante para a análise pretendida. O artigo divide-se em três partes. A primeira apresenta os processos de criação e lançamento da revista *Placar* em 1970,

demonstrando como a mesma se tornou uma mídia esportiva de destaque no Brasil. O segundo item mostra a militarização do comando da Seleção Brasileira após a demissão do técnico João Saldanha, o que justifica, para muitos autores, a tese sobre os usos políticos sobre o futebol. A terceira parte deste escrito mostra publicações da revista *Placar* sobre aspectos gerais da abertura política.

### **1. Futebol na década de 1970: novas histórias nas páginas da revista *Placar***

A criação da revista esportiva *Placar*, em 1970, é significativa para a trajetória da imprensa esportiva no Brasil. *Placar* é lançada em um período histórico em que o futebol era importante para a propaganda política, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação eram censurados pelo regime<sup>4</sup>.

Algumas revistas e jornais dedicados aos esportes circularam no país antes de *Placar*. É o caso da revista *Sport Ilustrada*, produzida entre as décadas de 1940 e 1950, da *Revista do Esporte* dos anos de 1960 e da revista *Manchete Esportiva* que circulou entre 1955 e 1960 e, também, entre 1977 e 1979. Esta última pertencente à Editora Bloch inovou no segmento de revistas ao utilizar o recurso fotográfico em suas edições, além de contar com autores renomados como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros. O fim da revista *Manchete Esportiva*, em 1979, é explicado pela crise econômica que afetou o grupo Bloch e a concorrência do mercado com a revista *Placar*. Segundo Couto (2012) a Editora Bloch preferiu títulos potencialmente mais lucrativos como *Ele e Ela*.

A revista *Placar* lançada em 1970 pretendeu aproveitar a visibilidade que o futebol havia alcançado por conta do bicampeonato mundial de 1958-1962. As expectativas com um terceiro título inédito em uma Copa do Mundo e a consolidação da indústria cultural no Brasil podem ser citadas como cruciais para a decisão da Editora Abril em investir no segmento esportivo. Como aponta Ortiz (1988) a respeito do mercado de bens culturais entre 1960 e 1970

Durante o período que estamos considerando ocorre uma formidável expansão, a nível de produção, de distribuição e de consumo de cultura, é nesta fase que se consolidam os grandes conglomerados que controlam os meios de comunicação e de cultura popular de massa. (ORTIZ, 1988, p. 121)

---

<sup>4</sup> Para o debate acerca da censura à imprensa ver mais em: AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura imprensa e estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de São Paulo e o Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

É durante a formação desse mercado de bens culturais e de uma classe consumista que a revista *Placar* começa a circular. Porém, é importante ressaltar que o projeto de criação de *Placar* foi pensado à longo prazo pelo Grupo Abril<sup>5</sup>. Em 1950, durante a IX Copa do Mundo sediada no Brasil, Roberto Civita criou o Grupo Abril que deu origem, também, a Editora Abril. A partir da leitura da primeira Carta do Editor da revista *Placar*, redigida por Victor Civita em 1970, é possível compreender o entendimento do Grupo Abril à respeito da possibilidade de criação de um impresso esportivo

Naquele instante, ficou confirmado o que todos já sabíamos: para o Brasil o futebol é mais que um esporte, menos do que uma guerra-um meio-termo explosivo, colorido, sensacional. Resolvemos que uma das publicações de nosso plano editorial deveria ser, mais cedo ou mais tarde, uma revista esportiva- tão explosiva e tão sensacional como este nosso povo que vai aos estádios fazer uma das mais belas festas do mundo<sup>6</sup>.

Ou seja, *Placar* foi um objetivo pensado e executado pela Editora Abril por 20 anos. Ainda na primeira Carta do Editor apresenta-se o significado do lançamento do impresso esportivo do Grupo Abril em 1970, pois

No ano de uma nova Copa do Mundo, aqui esta o nosso Placar: marcado pelo carinho de um sonho de quase 20 anos. Há 20 anos, quando era fundada a Editora Abril, nascia também a ideia de Placar.<sup>7</sup>

Entre fevereiro e março de 1970 foram lançados os seis primeiros números especiais de *Placar*, em caráter experimental, e a primeira revista oficial é datada de 20 de março daquele mesmo ano. O objetivo da estratégia mercadológica da Editora Abril era cativar um potencial público leitor-consumidor atraído pelas expectativas de um título mundial de futebol, bem como atender à carência existente de uma revista especializada em esportes. A Editora de Civita finalizou o seu projeto para uma revista esportiva e considerou o ano de 1970 como ideal para explorar um nicho de mercado importante.

Também, é possível apontar para a ascensão de uma classe média consumista como um ponto favorável ao lançamento de *Placar*. O impresso esportivo que obteve sucesso inicial acompanhando a Seleção Brasileira de futebol na conquista do tricampeonato alcançou um público leitor preocupado, inclusive, com a continuidade da revista. Passagens publicadas

---

<sup>5</sup> O Grupo Abril foi fundado em 1950 por Roberto Civita. A partir do Grupo Abril foram criadas a Editora Abril, o Grupo Comunicações, Lazer e Cultura (LCL) e a Abril Cultural.

<sup>6</sup> Revista *Placar*, 20 de março de 1970. p. 38.

<sup>7</sup> Idem.

em *Placar* com questionamentos dos leitores explica o impacto da revista esportiva no país como quando, por exemplo, um consumidor pergunta: “*Placar* deixará de circular agora que acabou a Copa do Mundo? Acho que isso não deve acontecer, pois *Placar* é a melhor revista esportiva do Brasil.”<sup>8</sup>

*Placar* mantém-se no mercado editorial de revistas brasileiras há mais de 40 anos e durante essa trajetória acompanhou a relação dos esportes, principalmente o futebol, com a sociedade em momentos históricos importantes. É fundamental considerar também o papel da imprensa na pesquisa histórica em relação ao que registram e ao que constroem com suas opiniões expressas, com entrevistas e com editoriais. A imprensa é um agente social que opera a partir de relações de mercado, de perspectivas políticas e na direção de formar a opinião pública.

João Malaia (2012) ao tratar de *Placar* e de sua relação com a sociedade destaca a “presença de um discurso político crítico de grande amplitude, possibilitado por duas ‘licenças’, a esportiva e a humorística; e a linha tênue entre essa crítica e a necessidade e/ou opção ideológica de alinhamento com o regime em vigor”. (MALAIA, 2012, p. 153). A partir das colocações de Malaia é importante destacar que o primeiro objetivo de *Placar* era o de se estabelecer no mercado editorial.

É partindo desse entendimento do significado de *Placar* como uma revista esportiva popular, lançada no ano de conquista do tricampeonato mundial de futebol e durante o governo de Médici, que se buscará adiante identificar a relação do futebol com a política na primeira metade dos anos de 1970. Principalmente se partirá do anúncio da abertura política em 1974 para analisar algumas publicações de *Placar* sobre a transição brasileira para a democracia.

## **2. Futebol e política na década de 1970: do Governo Médici ao anúncio da abertura para a democracia**

As aproximações entre o futebol e a política no Governo Médici<sup>9</sup> são marcadas pela conquista do tricampeonato mundial de 1970, pela elaboração do Campeonato Brasileiro de Clubes em 1971, pela organização da Taça Independência em 1972 e, também, pela divulgação de imagens do presidente como “torcedor” do esporte mais popular do país.

No mais, identifica-se um processo de militarização no comando das atividades envolvendo a Seleção Brasileira. Para compreender-se esse

---

<sup>8</sup> Revista *Placar*, 10 de junho de 1970. p. 45.

<sup>9</sup> O Governo Médici atuou entre 1969 e 1974. É considerado o período mais repressivo do regime civil-militar, ao mesmo tempo em que foi muito popular. A literatura trabalha de forma geral as características do Governo Médici a partir de análises sobre o “milagre econômico”, controle dos meios de comunicação, medidas institucionais como o Ato Institucional nº5, o acirramento da perseguição política aos opositores e a conquista do título mundial inédito de futebol.

processo é necessário partir da demissão de João Saldanha retratada pela revista *Placar*. Depois da derrota brasileira no mundial de 1966 foi nomeado como técnico da Seleção Brasileira o escritor, ex-técnico do Botafogo e comentarista esportivo João Saldanha<sup>10</sup>. Apesar, de uma trajetória estável como técnico da Seleção com a obtenção de resultados sólidos nos jogos eliminatórios para a Copa de 1970, Saldanha foi demitido do cargo em março do ano do mundial do México<sup>11</sup>. *Placar* destacou em publicação de março de 1970 que “escondido atrás das duas radiopatrulhas que guardam a concentração do Brasil” havia problemas com o técnico Saldanha e que

A queda de João Saldanha foi nascendo ao mesmo tempo em que ele se transformava no João-Sem-Medo, no João-Língua-Solta, no João-das-Feras ou no João Quixote. Enquanto deixava de ser apenas o João-Técnico, Saldanha dava motivos fundamentais para que fosse derrubado.<sup>12</sup>

É importante partir da demissão de João Saldanha para compreender-se a militarização do comando da Seleção Brasileira a partir de 1970. A montagem de um aparato militar no comando do selecionado nacional e do futebol brasileiro é notável com as nomeações do major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que mantinha vínculos com o Serviço Nacional de Informações (SNI), para o cargo de chefia da delegação, do major Ipiranga Guarany para a segurança da Seleção e, também, da escolha do civil Mário Zagallo como novo técnico do selecionado brasileiro<sup>13</sup>. Para a preparação física dos atletas brasileiros foram nomeados os oficiais da Escola de Educação Física do Exército Raul Carlesso e Cláudio Coutinho. Nesse sentido, Franco Júnior (2007) ressalta que

A preparação física militarizada respondia ao fracasso de 1966, atribuído à má condição atlética dos convocados. O jogador rebelde de talento espontâneo cedia espaço ao atleta-

---

<sup>10</sup> Saldanha havia se tornado popular através de sua atuação como comentarista e cronista esportivo e, apesar de sua posição política favorável ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi escolhido como técnico da Seleção brasileira em 1969. Com uma trajetória vitoriosa, Saldanha comandou nove jogos e alcançou nove vitórias nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970. Ver mais em: GUTERMAN, Marcos. *Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar*. In: Proj. História, São Paulo, (29) tomo I, p. 267-279, 2004.

<sup>11</sup> Circularam na imprensa brasileira, entre 1969 e 1970, muitas suposições sobre o relacionamento do técnico João Saldanha e alguns jogadores da Seleção, sobretudo, Pelé. Também foi veiculado em muitos canais de comunicação que o presidente Médici e Saldanha teriam se desentendido por conta de divergências sobre a escalação do jogador Dario do Atlético Mineiro para o escrete nacional. (SCHATZ, 2015)

<sup>12</sup> Revista *Placar*, 27 de março de 1970. p. 8.

<sup>13</sup> Zagallo, campeão mundial de futebol como jogador nos mundiais de 1958 e 1962, foi escolhido como técnico da Seleção Brasileira em substituição à João Saldanha. Entre as razões para a escolha de Zagallo pode-se apontar o intuito de atribuir credibilidade à preparação do escrete nacional a partir da sua experiência de bicampeão. Também, pode-se citar o entendimento por parte dos militares de que Zagallo atuaria sem contestar a política militar vigente.

soldado, sujeito a mecanismos disciplinares e repressores, da mesma maneira que o cidadão brasileiro submetido à ditadura (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 142).

Essa equipe técnica foi responsável pela preparação da equipe brasileira para a Copa do México. Segundo Sarmiento (2006) houve um alto investimento em condicionamento emocional e físico de maneira que a conquista do tricampeonato se tornou um marco do esporte nacional que combinava talento e organização.

A vitória brasileira no México se tornou um ícone da propaganda política nacional. É, pois, nesse sentido que se compreende que a popularidade do futebol o torna um potencial objeto para publicidade de governos, sejam democráticos ou não. No caso do Governo Médici fatores econômicos também contribuíram para a popularidade desta gestão, apesar da repressão e da censura impostos.

O “milagre” econômico que marcou o Governo de Médici foi resultado de medidas adotadas desde 1964. O crescimento econômico do país alcançou índices altos entre 1968 e 1973 através do fortalecimento da indústria nacional de bens duráveis e da consolidação de uma classe média consumista. Para Macarini (2008) o objetivo da política econômica entre 1970 e 1973 era alçar o Brasil entre as nações mais desenvolvidas. Outra medida que previu organizar o crescimento do país foi o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND) que apoiada em uma política regional de desenvolvimento nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro promoveu o crescimento industrial nessas áreas. (BRESSER, 1984)

Porém, o “milagre” econômico também ampliou a desigualdade social e a concentração de renda. Os resultados positivos dessa política expansionista começam a regredir em 1973 por conta de fatores externos como a alta no preço do dólar decorrentes na crise internacional do petróleo. Houve, conseqüentemente, um aumento da dívida externa, da inflação e do retardo na capacidade de consumo dos brasileiros. (SINGER, 1982)

A passagem do Governo Médici para o Governo Geisel em 1974 foi acompanhada pela desaceleração do crescimento econômico e por crescentes manifestações por democracia. Nesse momento, o futebol é reapropriado com novos objetivos e movimentos por abertura política passaram a ser comuns nos estádios, nos clubes e na imprensa. (SCHATZ, 2015)

Geisel anuncia em 1974 a abertura democrática de “forma lenta, gradual e segura”, o que demonstrava como os militares pretendiam manter-se no comando do processo e evitar legá-lo à oposição. Nesse momento, é notável a crise de legitimidade do regime, por conta de fatores como a censura, a repressão política, a perseguição e a tortura. Por outro lado, o fim do “milagre” econômico também foi fundamental como afirma Fico (1999) ao destacar que o Governo Geisel não obteve créditos com o “milagre”. Constatou-se a partir de 1973 o descontrole financeiro na economia

brasileira e o objetivo central do Governo Geisel seria o de controlar a inflação.

Sem dúvidas, o caso brasileiro de transição democrática foi particular entre os países latino-americanos. Maria D'Alva Kinzo (2001) ressalta que transcorrem onze anos para que os civis retornassem ao poder no Brasil, e ainda mais cinco anos para que o voto popular elegeesse um presidente da República.

O Governo Geisel foi uma escolha de consenso entre os militares perante o crescente descontentamento popular e instabilidade econômica. Apesar das dificuldades orçamentárias o Governo Geisel manteve projetos estatais de porte como a represa de Itaipu e, também, continuou defendendo pretensos ideais revolucionários a despeito da crise de legitimidade do governo militar (KINZO, 2001). Em discurso sobre a instauração do governo civil-militar Geisel destacou a longa caminhada “mediante duros sacrifícios patrioticamente consentidos e uma crença inabalável em melhores dias” referindo-se ao futuro do Brasil. (BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, PRONUNCIAMENTO PELA TELEVISÃO PELO DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO, 31 DE MARÇO DE 1974, p. 69)

Apesar dos militares permanecerem no comando da transição política nacional as eleições de 1974 culminaram na vitória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) sobre a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Em eleições indiretas para os cargos de governadores a ARENA venceu, enquanto que o MDB conquistou a maioria do Congresso<sup>14</sup>. Para este resultado foi fundamental o maior espaço conquistado pelo MDB na propaganda partidária eleitoral televisionada em que foram defendidos a desnacionalização, a justiça social e as liberdades civis. Esses resultados mostravam como não seria apática a reação brasileira ao processo de transição democrática e que a ARENA não poderia garantir sua supremacia nos pleitos de 1978. (SCHATZ, 2015)

Já no que refere-se ao futebol, uma conquista no mundial de 1974 poderia ter sido apropriado como um símbolo da propaganda política de transição democrática. De acordo com Franco Júnior, “justamente porque a economia e o futebol nacional não iam bem em 1974, a vitória na Copa daquele ano manifestava-se importante para o regime. A preparação da Seleção deveria se tornar uma campanha militar” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 145).

A preparação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo da Alemanha foi permeada por comparações entre a equipe e o selecionado vencedor de 1970. Apesar das pressões a Seleção Brasileira malogrou na

---

<sup>14</sup> O MDB que detinha 87 cadeiras na Câmara dos Deputados conquistou, com as eleições de 1974, 165 cadeiras. Já a ARENA diminuiu o número de seus representantes de 223 para 199. Em relação ao Senado o MDB ampliou seu número de 7 para 20, enquanto que a ARENA diminuiu suas cadeiras de 59 para 46. (STEPAN, 1975)

tarefa de conquistar um novo título mundial e finalizou a disputa em quarto lugar<sup>15</sup>. Esse resultado negativo levou a substituição da Comissão Técnica e de dirigentes.

É possível observar que entre 1970 e 1974 mudanças importantes ocorrem na política e no futebol brasileiro. A Seleção Nacional passou por alterações nesse período quanto a sua Comissão Técnica, que militarizada indicava a preocupação do governo militar com o desempenho dos atletas em campo. Já com o anúncio da abertura política feita pelo presidente Geisel há a ampliação das discussões sobre democracia no país. Nesse sentido, se torna importante identificar e discutir como alguns jogadores de futebol se manifestaram sobre as mudanças nacionais, sobretudo políticas, revelando que esse grupo também contribuiu para a formação de opinião. É, principalmente, durante as eleições de 1978 que se encontra na revista *Placar* posicionamentos políticos dos jogadores de futebol, revelando que parcela deste grupo estava atento ao processo de abertura democrática.

### **3. A revista *Placar* na transição política para a democracia**

No ano de 1978 ainda não eram realizadas eleições diretas para o cargo da Presidência da República e Geisel declarou que os sucessores do Governo seriam João Baptista Figueiredo e Aureliano Chaves. Em oposição o MDB anunciou as propostas de candidatura do general Euler Bentes Monteiro e Paulo Brossard. Figueiredo centrou sua campanha política em discursos de afirmação da democratização gradual do Brasil, enquanto que o MDB propunha a reformulação da Constituição Brasileira. Como o Colégio Eleitoral era controlado pela ARENA, o triunfo de Figueiredo foi garantido. (RIDENTI, 2014)

Em relação as eleições de novembro de 1978 a revista *Placar* destacou em texto intitulado de *Os craques na boca da urna* que os atletas da bola estavam comprometidos com o processo político nacional, fosse pela ARENA ou pelo MDB. O mesmo texto também tenta incutir uma imagem politizada dos jogadores de futebol.

Jogador de futebol é desligado- a frase corre o Brasil, como verdade definitiva. Nem tanto. Ou nem um pouco. Este ou aquele votará de acordo com seus interesses, ou até por amizade, mas a maioria vai às urnas para ‘tentar mudar

---

<sup>15</sup> No primeiro jogo do mundial Brasil e Iugoslávia empataram sem gols. Em uma segunda partida contra a Seleção da Escócia houve novo empate em 0x0. Contra a estreante do mundial, Zaire, a Seleção nacional conseguiu sua primeira vitória e uma momentânea atmosfera entusiasta culminou em resultados positivos contra as equipes da Alemanha Oriental e Argentina. Em seguida, a Seleção Brasileira foi derrotada pelo selecionado da Holanda, conhecido como ‘laranja mecânica’. Na disputa pelo terceiro lugar o Brasil foi derrotado pela Polônia.

alguma coisa'. Como a Arena está aí há muitos anos, a única opção possível é o MDB- é a conclusão a que chegam os jogadores.<sup>16</sup>

O texto de *Placar* revela um panorama geográfico da participação e/ou apoio dos jogadores de futebol aos partidos políticos. No nordeste parcela dos atletas pretendia apoiar o MDB como mostra o caso particular do Clube de Regatas Brasil (CRB) de Alagoas. Enquanto o presidente do clube alagoano Divaldo Suruagy foi candidato ao Senado pela ARENA<sup>17</sup> alguns jogadores do CRB como Celso Alonso, Ivã e Zê Maria votariam no MDB. A revista *Placar* também mostrou que no estado do Pará os jogadores dos clubes Paysandu e Remo apoiariam o MDB, a despeito dos candidatos que estes clubes tinham em favor da ARENA.<sup>18</sup>

O apoio de jogadores ao MDB também é revelado no exemplo de Zé Roberto do Santa Cruz Futebol Clube que utilizou uma camisa branca em apoio ao MDB, pois segundo declaração do mesmo era a “única maneira que vejo para demonstrar minha insatisfação com o atual estado de coisas, principalmente com a censura”. Outro exemplo citado por *Placar* foi de Juari da equipe do Santos Futebol Clube que declarou apoio ao MDB “contra as péssimas condições de vida do povo e contra a falta de liberdade”.<sup>19</sup>

Também é destacável que o apoio de alguns jogadores ao partido do governo, a ARENA, apareceu nas páginas de *Placar*. O atleta Gilmar do Clube Náutico Capibaribe, do estado de Pernambuco, declarou apoio a ARENA nas eleições de 1978 sob a justificativa de que havia recebido uma bolsa de estudos.<sup>20</sup> Esse é um exemplo interessante que ressalta, sobretudo, como a adesão partidária do atleta foi resultante de um favorecimento recebido e não por uma compreensão crítica a respeito das eleições de 1978. A revista *Placar*, pela forma como caracteriza e apresenta as posições dos jogadores de futebol mostra que aqueles favoráveis ao MDB estão cientes dos problemas políticos, econômicos e sociais do Brasil.

A postura da revista *Placar* foi a de publicar uma maioria de posições favoráveis ao MDB e, após as eleições, o periódico tratou de criticar a tentativa da ARENA de utilizar-se do futebol como instrumento político através das candidaturas de presidentes de clubes e federações pelo partido favorável ao governo. Em texto com o título de *O jogo das eleições* o repórter Marco Aurélio Guimarães destacou

Com a transformação do Brasileiro em trampolim político para as aspirações eleitorais da Arena, o presidente da CBD,

<sup>16</sup> Revista *Placar*, 10 de novembro de 1978, p. 12.

<sup>17</sup> Divaldo Suruagy foi eleito com 102.108 votos.

<sup>18</sup> Revista *Placar*, 10 de novembro de 1978, p. 12.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Idem.

almirante Heleno Nunes, esvaziou terrivelmente os nossos grandes clubes e, ao mesmo tempo, prestou um serviço ao Brasil: o eleitor aprendeu que seu voto deve estar acima das paixões clubísticas ou futebolísticas.” Não teve nem para a Arena e nem para o MDB: candidato que entrou naquela de faturar voto em cima do futebol recebeu um sonoro N-Ã-O do eleitorado.<sup>21</sup>

Houve um expressivo fracasso de candidatos da ARENA que apoiaram-se em seus cargos junto à clubes ou federações de futebol. Rubes Hoffmeister, presidente da Federação Gaúcha de Futebol, foi candidato a deputado federal pela ARENA e recebeu 7.368 votos, o que era “insuficiente até mesmo para que ele se elegeisse vereador em Porto Alegre” (Placar, 01 de dezembro de 1978, p. 61). Outros exemplos citados pelo texto de *Placar* são do presidente da Federação de Minas Gerais, José Guilherme Ferreira, e do presidente da Federação da Bahia, Raimundo Vianna, que alcançaram fracassos nas eleições de 1978.<sup>22</sup>

Também é importante destacar que a vitória majoritária do MDB para o Congresso foi expressivo nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A ARENA conseguiu vitórias significativas nos estados de Piauí e Alagoas, e apesar de vencer nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, a vitória eleitoral nas capitais desses estados não aconteceu. Esse resultado eleitoral em 1978 demonstrou, sobretudo, que o MDB representava uma opção organizada da oposição e que a ARENA não satisfazia mais os anseios dos brasileiros. (RIDENTI, 2014)

Nesse sentido, destaca-se que o futebol tornou-se um meio para manifestações crescentes por democracia, anistia, liberdade e direitos civis. Desse modo, afirma-se que a revista esportiva *Placar* era um agente da opinião pública aproximando seus leitores e entusiastas dos esportes de temas importantes na agenda nacional através de textos, ilustrações, publicações de leitores e charges. Ainda no início do ano de 1978, quando os debates sobre anistia eram latentes, a revista *Placar* publicou uma charge de conteúdo cômico e crítico. Observa-se na figura 1 a ilustração de uma faixa estendida em um estádio com o termo anistia.

### **Figura 1- Manifestação por anistia**

---

<sup>21</sup> Revista *Placar*, 01 de dezembro de 1978, p. 61.

<sup>22</sup> Idem.



Fonte: Revista Placar, 02 de março de 1978, p. 59.

A personagem que representa o cartola, em referencia aos presidentes de federações e clubes, exclama: “Vamos parar com essa palhaçada aí! Política não tem a menor ligação com futebol!”. No quadro adiante a imagem da bola murchando revela o desacordo com a afirmação, pois o futebol bem como os espaços relativos à sua prática eram fundamentais para manifestações populares pela anistia<sup>23</sup>.

Nesse sentido, pode-se apontar para indícios de como o futebol, a política e o humor podiam mesclar-se por causas relevantes como a anistia, sendo que os estádios configuravam-se como espaços para manifestações populares. No ano de 1979 a revista *Placar* em texto intitulado como *Quem pode dar anistia não perde tempo* evidenciou maneiras interessantes de como os torcedores podiam manifestar-se

Corinthians e São Bento jogam no Pacaembu. No meio da torcida Unidos da Barra Funda, abre-se uma faixa: ‘**Anistia ampla, geral e irrestrita**’. Os soldados correm para prender os responsáveis, mas foram aparvalhados quando um deles aponta para o canto inferior da faixa. Em letra miúda, está escrito: ‘**para sócios em débito**’.<sup>24</sup>

Este caso tratado por *Placar* demonstra como é possível encontrar no meio esportivo formas de manifestação ou contestação política. Tanto os leitores de *Placar* como os torcedores que frequentavam os estádios tinham acesso ao debate político dos anos de 1970 referente ao processo de formatação da Lei da Anistia.

<sup>23</sup>A discussão sobre a anistia esteve em voga durante o ano de 1978, de forma que, no fim de seu mandato, Geisel revogou a expulsão de mais de 120 exilados políticos, dando o primeiro passo para a Lei de Anistia, criada em 1979.

<sup>24</sup> Revista *Placar*, 23 de março de 1979, p. 23.

É em agosto de 1979 que o Brasil promulga a Lei da Anistia que definia em seu artigo 1º que era

[...] concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares. (BRASIL, 1979.)

Para Ridenti (2014) a Lei da Anistia foi resultado, em parte, das mobilizações de oposição que contou com a participação de entidades como o Movimento Feminino pela Anistia de 1975 e os Comitês Brasileiros pela Anistia de 1978. No entanto, a anistia promoveu benefícios tanto para os acusados de crimes contra a segurança nacional, bem como absolveu os agentes da repressão. (CARVALHO, 2010)

Outra questão política importante da segunda metade da década de 1970 e que esteve presente em uma edição da revista *Placar* referiu-se ao Pacote de Abril. Em 1978 este conjunto de medidas garantiu ao governo a nomeação de um senador por estado, sendo que estes foram alcunhados como “senadores biônicos”. Em charge da revista *Placar* (figura 2) intitulada de *Eugênio, o cartola* há uma crítica aos senadores biônicos

**Figura 3- Eugênio, o cartola.**



Fonte: *Placar*, 03 de outubro de 1978, p. 58.

Na charge a personagem Eugênio, o Cartola faz alusão aos dirigentes de clubes de futebol que comumente participavam de pleitos políticos. Eugênio, o Cartola quando questionado sobre a sua participação nas eleições que ocorreriam de novembro de 1978 afirma que “vou...dando aula de ‘introdução a bionicologia’ pros senadores ‘indiretos’”.<sup>25</sup> A charge de *Placar* revela de forma crítica e com humor duas questões: a primeira refere-se à contradição do Pacote de Abril que arbitrariamente permitia a nomeação de senadores, enquanto que o discurso oficial era o de abertura política. Outro ponto interessante da charge diz respeito ao envolvimento dos cartolas brasileiros com os processos eleitorais, sendo que os mesmos usavam de suas posições junto à clubes e federações para alavancar suas carreiras políticas. No entanto, nas eleições de 1978, como demonstrado anteriormente, os presidentes das Federações do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Bahia não alcançaram vitórias.

Posteriormente, no que tange ao processo eleitoral de 1982 é possível identificar um aumento das menções à política na revista *Placar*. Alguns candidatos aos governos estaduais em 1982 declararam à *Placar* suas opiniões sobre possíveis relações entre as eleições e a Copa do Mundo. André Franco Montoro do PMDB-SP afirmou que “esporte e política não podem ser misturados”, Luís Inácio Lula da Silva, do PT-SP, destacou que o povo não deixaria se ludibriar pelos resultados do esporte, José Richa, do PMDB-PR, ressaltou que “o povo não vai misturar uma coisa com a outra” e, por fim, Sandra Cavalcanti, do PTB-RJ, afirmou que “o resultado das urnas refletiria a consciência política do povo”.<sup>26</sup> De forma geral, estes candidatos do pleito eleitoral de 1982 buscaram desvincular a política do esporte, além de ressaltaram a capacidade de discernimento dos eleitores.

Observa-se também que a revista *Placar* prezava pela inclusão das opiniões políticas dos jogadores de futebol, fossem atletas de expressão nacional ou não. Kfourri na coluna ‘Opinião de *Placar*’ ressaltou em texto intitulado como *Quem disse que jogador não pensa bem?* que os esportistas estavam participando politicamente diferente de anos anteriores em que “não se tirava uma declaração política dos ídolos do esporte nacional”.<sup>27</sup>

Nesta mesma edição de *Placar*, do ano de 1982, alguns jogadores de futebol foram convidados à elaborar propostas de governo como se fossem candidatos às eleições estaduais daquele ano. O repórter de *Placar* Marcos Aurélio Borba apresentou o objetivo da iniciativa do impresso esportivo justificando que

---

<sup>25</sup> Revista *Placar*, 03 de outubro de 1978, p. 58.

<sup>26</sup> Revista *Placar*, 26 de fevereiro de 1982, p. 44.

<sup>27</sup> Revista *Placar*, 15 de outubro de 1982, p. 03.

A política está em todas as cabeças brasileiras, nestes poucos mais de 30 dias que antecedem as primeiras eleições diretas para governadores nos últimos 17 anos. Está na cabeça, também, dos profissionais do futebol, dos obscuros aos consagrados. [...] O resultado aí está, digno de um verdadeiro candidato ao Palácio dos Bandeirantes.<sup>28</sup>

O jogador Sócrates aparece em fotografia com os braços estendidos à frente do Palácio dos Bandeirantes e suas propostas foram sobre trabalho, habitação, saúde, educação e alimentação. O esportista ainda ressaltou que

Enfim, todos esses planos podem e devem ser colocados em prática, pois são anseios de um povo que busca o seu bem-estar. Mas só conseguiremos isso quando todos tiverem ampla e total liberdade para se expressar, se informar, participar, escolher e, sobretudo, protestar. Isso é viver com dignidade.<sup>29</sup>

De forma geral as propostas governamentais de Sócrates ressaltavam a necessidade de democracia, pois os direitos básicos da população seriam garantidos apenas pela liberdade de informação e pelo exercício do voto.

O jogador Cleo, do Sport Club Internacional, propôs à *Placar* um plano de governo para amenizar o êxodo rural, garantir condições de trabalho no campo e reduzir os custos dos alimentos. O atleta ainda destacou que governaria por um ensino gratuito e por um sindicato consolidado para os jogadores de futebol<sup>30</sup>. Outro futebolista convidado por *Placar* foi Reinaldo, do Clube Atlético Mineiro, que demonstrou em seu discurso priorizar questões sociais

[...] mudaria tudo, a partir do sistema de governar, com a implantação de uma forma primitiva de socialismo. Aliás, não sei se seria primitiva ou avançada: sei que todos teriam os direitos sociais assegurados, mas perderiam um pouco da liberdade política. Entre os direitos sociais estariam a saúde, alimentação, educação, emprego e bons salários<sup>31</sup>.

Por fim, o goleiro Paulo Sérgio do Botafogo de Futebol e Regatas apresentou metas de governo para o estado do Rio de Janeiro. Entre suas propostas estavam a garantia de salários dignos para os professores, o fim da corrupção na polícia, a geração de emprego, a oferta da casa-própria, a

---

<sup>28</sup> Idem, p. 19.

<sup>29</sup> Idem, p. 22.

<sup>30</sup> Idem, p. 30.

<sup>31</sup> Idem, p. 22.

melhoria dos transportes públicos e políticas voltadas para o esporte como segurança nos estádios e difusão da prática esportiva nas periferias<sup>32</sup>.

Ressalta-se ainda que as eleições de 1982 para os cargos de governador, de senador, de deputado federal, de deputado estadual, de prefeito e de vereador foram as primeiras de forma direta desde o início do regime civil-militar de 1964. Destaca-se ainda que os candidatos anteriormente cassados pelos atos institucionais participaram do pleito, como é o caso Leonel Brizola e Miguel Arraes, entre outros. (LEMOS, 2010)

Participaram das eleições de 1982 o Partido Democrático Social (PDS), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Partido dos Trabalhadores (PT). Determinações políticas dos militares ainda estiveram presentes nesse pleito, sendo que houve a proibição das coligações, o voto vinculado e a obrigatoriedade para os partidos lançarem candidatos para todos os cargos<sup>33</sup>.

Ainda sobre a extensa discussão à respeito da relação do futebol com a política a revista *Placar* publicou em 1982 um texto de Luís Fernando Veríssimo intitulado como *Futebol é bom para a política. E vice-versa?* Para Veríssimo haviam dois casos que envolviam o futebol e a política: o do político que explora a paixão pelo futebol para benefício eleitoral e do jogador de futebol, sem nenhum preparo profissional, que se aproveita da sua exposição pública para eleger-se. O autor destacou ainda que existem jogadores que se tornaram bons políticos

O futebol desenvolve o senso de solidariedade na busca de um objetivo comum e o ideal da política não é outro. Desenvolve o autocontrole, a capacidade de raciocinar mesmo quando todos em volta parecem ter perdido a cabeça, e desenvolve os músculos da perna para aquela hora que só um pontapé resolve mesmo. Decididamente, o futebol tem ajudado mais a política do que a política o futebol<sup>34</sup>.

Nota-se que a revista esportiva *Placar* permitia ao leitor o contato com temas políticos em voga no Brasil no período da transição política para a democracia.

---

<sup>32</sup> Idem, p. 21.

<sup>33</sup> Sobre as eleições de 1982 ressalta-se que no Rio de Janeiro foi eleito Leonel Brizola (PDT), em Minas Gerais foi eleito Tancredo Neves (PMDB), no Rio Grande do Sul elegeu-se Jair Soares (PDS), no estado de Pernambuco foi eleito Roberto Magalhães (PDS), em Santa Catarina elegeu-se Esperidião Amim e em São Paulo foi eleito André Franco Montoro (PMDB). Destaca-se ainda que o PDS, partido criado a partir da antiga ARENA, venceu as eleições em 12 estados e passou a manter uma postura que procurava desfazer a vinculação do partido com os militares, enquanto que o PMDB conquistou o pleito em nove estados e o PDT venceu em um estado. (LEMOS, 2010)

<sup>34</sup> Revista *Placar*, 19 de novembro de 1982, p. 39.

Através dos exemplos citados foi possível observar como o teor político esteve presente no conteúdo da revista *Placar*, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 1970. Era notável o crescimento expressivo do MDB em comparação à ARENA nos resultados das eleições ressaltando o anseio popular por democracia. É importante também frisar que a publicação das opiniões e posições dos jogadores de futebol mostrava como essa classe de trabalhadores do entretenimento entendia o processo de abertura democrática nacional e, também, permitia que os leitores-torcedores de *Placar* refletissem sobre a relação entre o esporte e a política.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou mostrar aspectos gerais da transição democrática brasileira na revista esportiva *Placar* entre 1974 e 1982. A contribuição deste escrito está em mostrar que durante a transição democrática encontra-se também na mídia especializada em esportes publicações que atentaram-se para a realidade política nacional.

A extensa literatura produzida no período da abertura política sobre as relações entre o regime civil-militar e o esporte mais popular do Brasil aponta para o uso do futebol como um potencial manipulador social. Compreende-se que esses trabalhos entendiam que os governos do regime civil-militar apropriavam-se das vitórias esportivas para alcançar apoio popular. Em que pese a relevância dessa produção para a análise da realidade brasileira durante os anos de 1970 e 1980 também se torna importante discutir o posicionamento dos jogadores de futebol que tinham opiniões e posições diversas sobre o MDB e a ARENA. Sobretudo, se compreende que a visibilidade dos atletas nos meios de comunicação permitia que o debate político se estende também para mídias especializadas em esportes, como a revista *Placar*.

Através da revista esportiva *Placar*, impresso de ampla circulação nacional criada em 1970, foi possível identificar a adoção progressiva de posições mais críticas sugerindo que a abrandamento da censura e o crescente apelo por democracia tornavam possíveis posicionamentos favoráveis ao MDB, partido de oposição ao governo.

Os trechos selecionados na *Placar* e analisados neste artigo mostram que em alguns casos os atletas de futebol declaravam apoio ao MDB ainda que dirigentes ou presidentes de seus clubes de trabalho fossem candidatos pela ARENA. Também é interessante ressaltar que o discurso de *Placar* é pela desconstrução da imagem dos jogadores de futebol como alienados e despolitizados. A publicação das posições desses atletas nas eleições de 1978 mostra como esse grupo é atuante e formador de opinião. No mesmo sentido, as charges de teor cômico e crítico que eram publicadas na revista

*Placar* permitiam um contato com questões nacionais em voga como a democracia, a anistia, as eleições e as medidas do Pacote de Abril.

Desse modo, as afinidades entre o futebol e a política deixam de estar restritas à supostas apropriações que partem do governo para manipular a população. Pode-se afirmar que o esporte mais popular do país também revela-se como um meio para manifestações de insatisfação com a realidade política e social do Brasil. Assim, a revista *Placar* mostrou que os jogadores de futebol não eram um grupo totalmente apático às transformações em curso na década de 1970. Nesse mesmo sentido, infere-se que os leitores-torcedores encontravam nas páginas de *Placar* conteúdo esportivo e político capaz de formar opinião e desconstruir a tese do futebol como o “ópio do povo”.

### Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1980.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura imprensa e estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência*. O Estado de São Paulo e o Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

BRASIL. *Decreto lei n° 6.683*, de 28 de agosto de 1979. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm)>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

\_\_\_\_\_. Biblioteca da Presidência da República. *Pronunciamento pela televisão pelo décimo aniversário da Revolução*, 31 de março de 1974. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1974/04.pdf/view>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

CARVALHO, Alessandra. As atividades político partidárias e a produção de consentimento durante o regime militar brasileiro. In: *A construção social dos regimes autoritários*. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Organizadores: Denise Rollemberg, Samantha Quadrat. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COUTO, André Alexandre Guimarães. O discurso pela imagem: Manchete Esportiva e sua proposta fotojornalística (1955-1959 e 1977-1979). In: *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Organizadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

DAMATTA, Roberto (org). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinokotheke, 1982.

DAOLIO, Jocimar. O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica. In: DAOLIO, J. *Cultura: Educação Física e futebol*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

FASSY, Amaury. *Brasil: tetra campeão mundial?* Brasília: Horizonte, 1982.

FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo*. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.

GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. In: *Proj. História*, São Paulo, (29) tomo I, p. 267-279, 2004.

KINZO, Maria D`Alva. *A redemocratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição*. São Paulo: Perspectiva 15(4) 2001.

KLINTOWITZ, Jacob. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de futebol-1978. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

LEMOS, Renato. Contrarrevolução e ditadura no Brasil: elementos para uma periodização do processo político brasileiro pós 1964. In: *VI Congrès du CELAIS*, Toulouse, France, 2010.

LEONCINI, Marvio Pereira. *Entendendo o negócio futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

LEVINE, Robert. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J. C. S. (org.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982, p. 41.

LOPES, Felipe. Futebol e poder: reflexões sobre a tese do “ópio do povo”. In: *Revista Espaço Ético: Educação, Gestão e Consumo*. São Paulo, Ano I, n. 02, maio/agosto de 2014, p. 136-144.

LOVISOLO, H. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, A. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.

\_\_\_\_\_. *Sociologia do esporte: viradas argumentativas*. Anais do XXVI Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2002.

MACARINI, João Pedro. Governo Geisel: transição político-econômica? Um ensaio de revisão. In: *IE/UNICAMP*. N. 142, maio, 2008.

MALAIÁ, João. Placar: 1970. In: *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Organizadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Desenvolvimento e crise no Brasil (1930-1983)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; Reis, Daniel Aarão; Ridenti, Marcelo; (org). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

SANTOS, Joel Rufino. Na CBD até o papagaio bate continência. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SCHATZ, Patrícia Volk. *A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da revista Placar (1974-1982)*. Dissertação de mestrado- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História: Florianópolis, 2015.

SINGER, Paul. *A crise do “milagre”*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

STEPAN, Alfred. *Os militares na política: mudança nos padrões na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

### **Fontes**

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 01, 20 mar. 1970. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 462, 02 mar. 1978. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 441, 03 out. 1978. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 446, 10 nov. 1978. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 449, 01 dez. 1978. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 465, 23 mar. 1979. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 614, 26 fev. 1982. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 647, 15 out. 1982. Semanal.

*REVISTA PLACAR*. São Paulo: Editora Abril, v. 652, 19 nov. 1982. Semanal.